Desenvolvido por entidade do setor de curtumes, projeto Design na pele já rendeu frutos: além de estilistas especialistas na matéria-prima, surgem novos nomes no cenário fashion

MUST DE

LAURA VALENTE

O Brasil está entre os maiores produtores de couro do mundo, mas surge o desejo de que seja também referência em artigos de design na matéria-prima: vestuário, calçados, objetos de decoração, utilitários e outros. Até agora, a produção dos mais de 700 curtumes nacionais que abastecem o mercado externo e interno é entregue para empresas dos setores automobilístico, moveleiro, calçadista e de confecção em "estado de pele", ou seja, apenas beneficiado. Principal órgão de entidade do setor, o Centro de Indústrias de Curtumes do Brasil

(CICB) quer mudar essa história. O primeiro passo foi dado no início do ano, com o lançamento do Design na pele, projeto com apoio do Brazilian Leather em iniciativa do CICB e da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil). O objetivo é justamente levar criatividade e criadores aos curtumes. A primeira etapa conta com o estilista Ronaldo Fraga e a artista plástica Heloísa Crooco. Ambos visitaram e acompanharam a produção de 13 curtumes nacionais, ajudando na elaboração de artigos com alto valor agregado - utilitários, bolsas, porta-retratos e roupas. Não por acaso, Fraga baseou a coleção desfilada na São Paulo Fashion Week (SPFW) na matéria-prima. "Até então, era cru no assunto couro, só havia entrado no showroom de alguns curtumes. Justamente por esse desconhecimento decidi participar do projeto", comenta.

Uma vez no olho do furação, o estilista descobriu-se fascinado pela matéria-prima e suas possibilidades. "O ofício do couro vai além da questão econômica, explica grande parte da cultura local. Seja a do sertanejo, no Nordeste, seja a da migração italiana e alemã no Sul", enfatiza ele. A partir do projeto, Fraga usou couro vacum e pelica de carneiro para produzir acessórios e modelos da coleção outono-inverno 2014 inspirada no escritor Mário de Andrade. Como resultado, uma repercussão pra lá de positiva na mídia e a certeza de nunca mais deixar de explorar as possibilidades do couro. "Optei por formas mais retas, volumes discretos, sutis, e muita riqueza em texturas: o couro vira renda, croché e por aí vai. Grande parte desenvolvi no projeto Design na pele. Conseguimos reproduzir até mesmo a pele do surubim, peixe típico do Rio São Francisco, em couro de boi e na pelica". Ainda na opinião do estilista, já está na hora de os demais criadores brasileiros prestarem atenção no couro e em outras fontes de criação ainda pouco exploradas.

Creio ser um compromisso civil do designer criar uma ponte entre o Brasil feito a mão e a indústria. Não é simplesmente tråbalhar com o couro, mas sair da posição cômoda do escritório e da confecção e embrenhar país afora procurando outras bases. Isso é acreditar na nossa moda".





NOVATOS Também de Belo Horizonte, a estilista Patrícia Motta é especialista na produção de couro há quase 20 anos. Ela se diz uma apaixonada pela matéria-prima e ao longo dessas duas décadas acredita ter contribuído para o desenvolvimento dos curtumes nacionais. "Há 15 anos, já trabalhava o couro como um tecido plano e fa-

cê, aplicações", lembra. Não por acaso, em sua estreia na São Paulo Fashion Week, para a temporada outono-inverno 2014, a estilista apresentou coleção inspirada na molécula do gelo, com texturas diferenciadas como navalhado, dublado, matelassado, bordado e vazado. A matéria-prima é tingida em tons nada convencionais como vermelhos, azuis, nude e prata, além da infalível dupla preto & branco e de metalizados. Muitas técnicas

zia saias, shorts, peças coloridas,

vazadas, com mistura de texturas

e enriquecidas com trabalhos ma-

nuais como plissê, macramê, tre-

são desenvolvidas nos curtumes (que deixam o produto tão macio quanto um tecido plano), ou-

tras na fábrica da grife. Do Rio, a estilista Patrícia Viera também aposta no couro como carro-chefe das coleções da grife homônima. Para a atual coleção de verão, ela se inspirou no tema Jamaica e levou as cores e elementos da cultura rasta para o couro. Ela se define o conforto como tendência máxima da coleção, criada para uma mulher chique, pronta para todas as ocasiões, mas que não abre mão de se sentir bem com a roupa que usa. "Entre vestidos, jaquetas, shorts, calças e até moleton, apostei em uma cartela de cores que remetem à natureza, entre os tons do rastafári (vermelho, amarelo, verde e preto), além do azul jeans, pele, caramelo e mesclado." Entre as técnicas diferenciais, Patrícia aposta na estampa sobre o couro em motivos variados como renda, passamanaria e

o matelassê, entre outros.

De um lado há os veteranos, de outro novos estilistas apostando na matéria-prima. É o caso do paraense Rogério Vasques. Após temporada na França, onde trabalhou como assitente de Karl Lagerfeld e integrou a equipe de estilo da Balecianga, está de volta ao país natal com uma proposta inédita: trabalhar o couro dublado associado a tecidos leves como malha e tule. A partir do conceito elaborou uma pequena coleção e lançou agora, no dia 21, o e-commerce da grife nomeada Maison Revolta. "Sempre gostei de couro e pesquisei a matériaprima na academia e na prática. Para a minha tese de conclusão do curso no Institut Français de la Mode, estudei bastante o couro brasileiro, que, na época, há cerca de 10 anos, era ainda bastante machucado para os padrões internacionais. Hoje, no entanto, os curtumes já têm uma outra visão do mercado", avalia.

Para transformar a matériaprima em um produto leve e que possa ser usado de norte a sul do país, o estilista propôs parceria com um curtume baseada em processos usados para a indústria automobilística. Com isso, ele conseguiu acesso a um couro ultra macio, com apenas 4mm de espessura. O produto é então fundido com tecidos fluidos e com capacidade de "respirar" como modal, jérsei, piquê e tule. Os tecidos cobrem o lado interno das peças. A coleção tem pegada sportswear sofisticada e visa atender a mulheres de faixa etária variada. Peça icônica é a jaqueta biker. "Meu DNA sempre será o couro, mas em um trabalho próprio, diferente do assinado pela estilista Patrícia Vieira, por exemplo. Por que acredito que esse mercado está especializando-se cada vez mais, estamos deixando de só enviar a matéria-prima para fora do país, mas inventando moda aqui", registra.

Ponta do iceberg

Se a indústria da moda já adotou o couro como fonte de possibiliades e desenvolvimento, o mesmo não ocorre com tanta frequência em outros segmentos. Daí a iniciativa do CICB por meio do Design na pele. "O projeto objetiva apurar o senso estético, levar uma cultura de moda e design para os curtumes. Pensamos que os técnicos, os químicos e demais profissionais que desenvolvem o couro também podem trabalhar na criação de produtos finais com alto valor agregado", defende o coor-denador Maurício Medeiros.

Medeiros informa ainda que a produção desenvolvida na primeira etapa do projeto deu origem ao livro homônimo e foi devidamente registrada em material que será divulgado no Brasil e no exterior, durante as maiores feiras de couro do mundo: Le Cuir, em Paris, APLF (Hong Kong) e Xangai, na China, e Lineapelle em Bolonha, na Itália, entre outras. "Nossa ideia é que o Brasil seja referências em todas as pontas do setor, tanto em matériaprima quanto em design."

Ele conclui que o projeto, inédito no país, representa um amadurecimento do setor. "Já na primeira fase tivemos adesão satisfatória de empresas e trabalhamos com curtumes de todos os portes, do menor ao maior. Trata-se de um processo de aculturação principalmente interno que visa aumentar a percepção do couro brasileiro a partir de criatividade", reforça.

Para o estilista Ronaldo Fraga a inciativa indica apenas o começo de um novo momento para o couro brasileiro. "Este projeto é a ponta de um iceberg e sinaliza um novo caminho não só para o couro, mas também para outras matérias-primas nacionais. Imagine que já fomos referência na produção de linho e de algodão e acabamos perdendo o lugar. Está na hora de retomar este posto e de abrir novas frentes".

RAIO X DO COURO BRASILEIRO

- Número de empresas que trabalham com o beneficiamento e comércio de couro: 700
- Produção anual: 40 milhões de couros vacum, sete milhões de couros de cabra, além de alguns outros tipos chamados especiais ou exóticos, como couros de peixe, rã, cobra e jacaré
- Valor exportado anualmente: US\$2,2 bilhões
- Empregados do setor: 50 mil
- Principais feiras nacionais: Feira Internacional de Couros, Produtos Químicos, Componentes, Equipamentos e Máquinas para Calcados e Curtumes (Fimec), em Novo Hamburgo RS); e a Inspira Mais, em São Paulo
- ✓ Países consumidores: mais de 80, sendo China, Itália e Estados Unidos os maiores consumidores
- Merece destaque: a produção sustentável, a partir de processos ecologicamente corretos
- Divisão do consumo mundial em segmentos: 50% são dirigida para o setor de calçados; na sequência vem as indústrias automotiva (estofamento de carros), de decoração, de vestuário, de artefatos e produtos para segurança industrial. Já no mercado local, o consumo para calçados é de cerca de 20% uma vez que muitas empresas lamentavelmente utilizam materiais sintéticos com o título de "couro ecológico", fraude que vem sendo veementemente combatida pelo CICB.